

A dignidade cidadã

Diante da realidade em que vivemos, Agostinho nos leva a fazer uma reflexão sobre nossa atualidade enquanto cidadão. O mundo em que vivemos hoje anda muito conflituoso, interesseiro e ganancioso. Esquece o sentido literal de viver a vida em todas as suas dimensões. Os direitos e os deveres já não tangem o nosso meio, como se não fosse, o direito do bem viver em sociedade.

Os vários dados escandalosos na política atual, tanto em nosso país, quanto em outros países, mostram a desumanização que vive a sociedade. O descaso com a vida humana e com a natureza é gritante. O homem está esquecendo que nasceu para viver no mundo em coletividade e cooperação. E todos nós, como sujeito das relações sociais, enquanto cidadãos com direitos e deveres em benefício do bem comum para todos.

O cidadão deveria estar protegido em sua dignidade de vida, em seus direitos diante do Estado que, em vez de ajudar o cidadão, tira seus direitos e aumentam os tributos sobre a sociedade já fragilizada, levando a falta de elementos para a vida humana com dignidade. Como se não tivesse acontecendo nada no meio social, econômico e político na realidade em que vivemos.

Hoje podemos perceber que a cidadania é reivindicada não só como espaço social, ou como exercício de certos direitos reconhecidos em uma sociedade. É necessário lutar pelo bem comum, para o bem viver do cidadão na coletividade e com humanidade. O Estado já não pode ter mais o poder concentrado em si, para administrar o bem comum, mas deve ser ampliado dando a capacidade de poder ser administrado pelo o cidadão de bem, regionalmente em várias instituições com um olhar humanizado, honesto e competente.

Percebendo as necessidades de todos os setores sociais, focado na dignidade da vida humana, em todas as suas nuances, dentro da sociedade e na preservação da natureza e do meio ambiente em que se vive. Fazendo várias reconstruções do saber, do entender e do fazer. Possibilitando a cooperação de todos, em suas oportunidades e capacidades na construção de um mundo melhor, solidário, humanizado para todos, respeitando a natureza, que tudo oferece para o bem viver de todos no mundo.

Santo Agostinho como bispo de Hipona suplica repetidas vezes aos seus fiéis a piedade, a colaboração e a esmola a favor de tantos carentes e necessitados. Porém, não poupa suas expressões duras para os que desfrutam de riquezas ilícitas, os que se deixam levar pela mentira e corrupção, no afã de acumular, da ambição, da avareza, da usura, e os que se negam a compartilhar seus bens com os empobrecidos e necessitados.

Não é certo que os seres humanos tenham nascido diferentes e desiguais diante das normas sociais e direitos naturais da pessoa. Ricos e pobres são iguais em direitos e deveres. Nada trouxeram ao mundo e nada levarão dele; quando abrimos uma sepultura remota, não há como distinguir os ossos de ricos e pobres. Somos todos iguais, habitantes de uma mesma casa, de uma mesma civilização humana e deveríamos tratar e cuidar uns dos outros por igual e humanamente, em nossa casa, Planeta Terra, sem distinção de ninguém e de nada por nada.



Alexsandro Antonio de Moura
(Coordenador de estudos)